

# #SCIENCEISBACK — A CIÊNCIA TEM DE ESTAR DE VOLTA!

Quando na sexta-feira 15 de janeiro, no meio dos meus inúmeros seminários e encontros zoom, a minha grande amiga Sangeeta Bhatia, professora no MIT, me escreveu: “Let’s talk this weekend. Some happy news #scienceisback”, eu imediatamente questionei: “What does it mean #scienceisback?”

Minutos depois, quando compreendi o significado das palavras da minha amiga, também eu fiquei feliz por ela, pelos norte-americanos e pelo mundo. A recentemente eleita Administração Biden-Harris acabava de anunciar uma nova comissão constituída por cientistas de topo para os aconselhar. Mais, esta comissão tinha sido elevada a *cabinet-level*, ou seja, o equivalente a um ministério da ciência. Um sinal muito importante nos tempos e nas circunstâncias em que todos vivemos. Na verdade, o que Sangeeta e muitos outros cientistas (e não cientistas) sentiram foi, acima de tudo, um enorme alívio por terem novos líderes que, ao contrário dos anteriores, ouvem a ciência. Tinha escrito “acreditam na ciência”, mas na verdade o verbo “acreditar” não se coaduna com ciência. A ciência não é um ato de fé. E isso ficou bem patente na forma como esta equipa de cientistas e agora conselheiros foi apresentada. As palavras da vice-presidente Kamala Harris foram breves, mas assertivas.

“A minha mãe era uma cientista... tão apaixonada por ciência. Basicamente, a minha mãe tinha dois objetivos na sua vida: criar as suas duas filhas e acabar com o cancro da mama.” (...) “A ciência tem uma maneira de moldar a forma como uma pessoa pensa e vive, e ela inculcou-me uma convicção fundamental na importância de recolher e analisar

**Maria Manuel Mota**

mmota@medicina.ulisboa.pt

dados, factos; de formular uma hipótese e reconhecer que não existe falhanço em reavaliá-la quando os factos não apoiam essa mesma hipótese; de tomar decisões não com base na intuição ou na ideologia, mas com base em evidências.”

**Seria com certeza uma enorme mais-valia ter em mãos uma ferramenta tão poderosa como o método científico**

Kamala Harris não é cientista — é advogada, e mais recentemente, política. Mostrou, no entanto e de forma inequívoca, que entende a ciência e o método que esta usa para descobrir e explicar o mundo que nos rodeia, bem como para encontrar soluções para os problemas com que nos deparamos. Sendo que o futuro depende sempre das soluções encontradas, seria com certeza uma enorme mais-valia ter em mãos — dos nossos líderes, mas por que não também em cada um de nós — uma ferramenta tão poderosa como o método científico.

O último ano, os últimos meses, e em especial para nós, em Portugal, as últimas semanas, estão repletos de situações desesperantes. Um novo vírus surgiu e com ele um rasto de doença, mortes e perdas terríveis. O aparecimento do SARS-CoV-2 mudou por completo a nossa forma de vida. Mas apesar dos maus momentos deste último ano, a ciência alcançou algo que poucos conseguiam imaginar. Juntos, e de uma forma global, os cientistas usaram o seu talento para ajudar na luta imediata à covid-19 (desde a sequenciação dos genomas do vírus à criação de testes de diagnóstico, entre outros) mas acima de tudo na produção de conhecimento e dados disponíveis para todos, cientistas e não cientistas, em tempo real, de modo a que as decisões pudessem ser tomadas de forma mais racional

e menos intuitiva. E o resultado não poderia ter sido mais notável. Em menos de um ano, e de diversas partes do globo, surgiram vacinas extremamente eficazes. Muitas outras estão ainda a ser desenvolvidas e testadas. Tudo em tempo recorde. Claro que isto só foi possível porque, além dos recursos financeiros quase ilimitados e do empenho sem precedentes das agências reguladoras, a comunidade científica adaptou para a covid-19 tecnologias que têm vindo a ser desenvolvidas nas últimas décadas e que já tinham sido previamente testadas em seres humanos e demonstrado serem seguras. E esse aspeto lembra-nos claramente por que precisamos da ciência sempre e não apenas em momentos de crise — o conhecimento é cumulativo, obtido por passos e caminhando sempre em direção ao progresso. É que a ciência vive desta curiosidade sem aparente pragmatismo, mas quando foi (e é) necessário dar respostas foi (e é) este conhecimento que alicerça o encontrar de soluções.

Hoje, em grande parte do mundo, vivemos praticamente o dobro do tempo que vivíamos há um século atrás. Os trabalhos de Edward Jenner e Louis Pasteur mas também de Anna Wessels Williams, Pearl Kendrick e Grace Eldering ou Isabel Morgan, entre muitos outros, antes e depois deles, permitiram gozarmos de vidas mais longas. Não tenhamos dúvidas — as vacinas mudaram o mundo e estão prestes a repetir esta façanha. Os dados mais recentes do impacto das diferentes vacinas contra a covid-19 parecem ser claros — estas vacinas são a ferramenta-chave para controlar a pandemia. Mas, claro, fornecer vacinas

**Não podemos, enquanto civilização global que somos, continuar a olhar apenas para o nosso próprio umbigo**



**Data:** 19.02.2021

**Título:** #SCIENCEISBACK — A CIÊNCIA TEM DE ESTAR DE VOLTA!

**Pub:**

**Expresso**



**Tipo:** Jornal Nacional Semanal

**Secção:** Nacional

**Pág:** 34

para todos vai demorar tempo. E apesar de cada um de nós querer estar imune, a verdade é que só estaremos a salvo quando a grande maioria da população mundial estiver vacinada. Não podemos, enquanto civilização global que somos, continuar a olhar apenas para o nosso próprio umbigo. Temos de olhar para a nossa comunidade, para o

nosso país, para o nosso continente e para o mundo inteiro. E quando o sucesso for finalmente atingido, não nos podemos esquecer que a ciência é o melhor instrumento alguma vez concebido para entender como o mundo funciona. A ciência pode e deve moldar a forma como pensamos e vivemos — *#scienceisback*.

Área: 402cm<sup>2</sup> / 30%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 7064500